

DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO: PANORAMA DAS RELAÇÕES ESTUDANTIS NO IFS

Elza Ferreira SANTOS

Instituto Federal de Sergipe – IFS; elzafesantos@gmail.com

RESUMO

O artigo apresenta parte de uma pesquisa que se desenvolve no Instituto Federal de Sergipe (IFS) – a subjetividade construída pelas mulheres que ocupam cursos tradicionalmente considerados masculinos. Aqui dividiremos o trabalho em dois instantes, o enquadramento teórico que versa sobre a divisão sexual do trabalho e o perfil dos cursos subsequentes do Instituto a partir do sexo. Tudo isso se destina a tecer um conhecimento acerca dos alunos e alunas a fim de apreender nova(s) subjetividade(s) que se constroem na contemporaneidade. Como subsídio teórico, utilizamo-nos dos estudos que tratam das relações de gênero, educação e trabalho. Por meio deles é que compreendemos como se perpassam as relações entre alunos e alunas, alunos/as e professores/as. Os resultados que aqui se mostram revelam uma disparidade na escolha que homens e mulheres fazem por um curso acadêmico. Além disso, mostram que, contrariando as convenções, mulheres persistem paulatinamente em galgar carreiras que outrora lhes eram incomuns, consequentemente, novas percepções podem estar se configurando no atual cenário da educação profissional.

Palavras-chave: Gênero, educação, trabalho, divisão sexual.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte de uma pesquisa que se desenvolve no Instituto Federal de Sergipe (IFS) – a subjetividade construída pelas mulheres que ocupam cursos tradicionalmente considerados de masculinos. Aqui, optamos por apresentar os resultados da primeira etapa da pesquisa, a saber, o enquadramento teórico que explicita a divisão sexual do trabalho, a configuração do corpo discente do IFS, quem são os alunos e alunas, em que cursos eles/elas se inserem.

Para tanto, temos nos utilizado dos estudos que versam sobre as relações de gênero, educação e trabalho. Por trás desses estudos, usamos a lente da corrente socialista em que se inserem os feminismos compreendidos por Hirata, Souza-Lobo entre outros/as.

2 DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO, POR QUÊ?

A pesquisadora Souza-Lobo (1991) levanta dois indícios de discriminação sofridos pelas mulheres na vida profissional: os baixos salários mesmo quando exercem a mesma tarefa que os homens e o fardo de saber que o mercado valoriza aquilo que convencionalmente se atribui como características masculinas. Como exemplo, cita a força para mover máquinas pesadas, fato que hoje é praticamente superado pela mulher em virtude das tecnologias empregadas nas indústrias para facilitar e reduzir o emprego da força humana. Mas, evidentemente, outras características como agilidade, bravura, poder de decisão persistem no imaginário popular como atributos masculinos.

Quando a indústria se abre para receber mulheres como profissionais, elas costumam ocupar cargos que, no mínimo, exigem os ditos traços convencionalizados como femininos. Por si só isto não seria um problema, afinal, uma parte considerável das mulheres apreendeu tais traços e não se incomoda em executá-los. A questão é que justamente os cargos a exigirem uma performance feminina têm baixos salários e não são prestigiados.

As estatísticas mais recentes revelam ainda uma bipolarização sexual no mundo do trabalho. Parece-me consensual na sociologia do trabalho que tal empregabilidade bipolarizada resulte de uma construção histórica e simbólica resistente até os nossos dias “A divisão sexual do trabalho é uma construção social e histórica (SOUZA-LOBO, 1991, p. 170). Há quem argumente que as novas configurações de trabalho modificaram esta realidade. Realmente, as novas configurações trabalhistas, as exigências modernas do processo de mundialização por que passamos gerou mais empregos para o sexo feminino, fez com que preconceitos de outrora fossem superados. Contudo, novas relações de opressão foram geradas para homens e para mulheres sendo que estas permanecem, predominantemente, ocupando os empregos mais precarizados.

A globalização modifica o lugar de homens e mulheres nas esferas da vida política e social, alterando simultaneamente as formas de desigualdade entre homens e mulheres (HIRATA, 2004). Estas são mais pobres, mais desempregadas. Têm menos acesso às novas tecnologias da informação e da comunicação, menos acesso à formação profissional e técnica. Se por um lado, elas alcançaram maior grau de escolaridade e, conseqüentemente, ampliação no mundo público do emprego; por outro lado sua participação é, principalmente, em ocupações sem vínculo formalizado e com menores rendimentos, envolvendo maior rotatividade e apresentando maiores dificuldades em atingir postos de comando no processo produtivo: A evolução do mercado de trabalho no último decênio multiplicou o número de "working poors", trabalhadores pobres, que são, na realidade, "trabalhadoras pobres" (HIRATA, 2004).

Segundo Danièle Kergoat (Apud SOUZA-LOBO, 1991), aquilo que é definido como qualidade natural, intrínseca à natureza das mulheres é, em realidade, o produto da educação e da formação das meninas no trabalho doméstico. Na família, ocorrem manifestações que procurarão definir o ser humano. O ser humano está envolto de relações. Nasce em uma relação familiar na qual há conflitos, afetos, enfim, uma micro-sociedade. Isto nos faz crer que o sujeito vai se constituindo como tal justamente em meio a essas relações que aqui denominaremos de relações de poder como compreende Foucault (1984).

É nelas que o indivíduo vai se assujeitando ao Outro (pai e mãe, normalmente), vai por meio da linguagem entrando no universo simbólico e a partir daí começa a apreender valores, sentidos acerca de si e do mundo. Tais valores ao longo da vida serão ressignificados ou não.

Depois do ambiente familiar, a escola é outro ambiente formador do ser humano. Não que se possa abandonar o primeiro ambiente – a família – nem negligenciar outros – igreja, clubes – mas certamente é a escola um espaço onde meninas e meninos passam boa parte de sua vida. É um espaço que se autoproclama como caráter prioritário de formação educativa. Também nele se fazem presentes as relações de poder e de gênero.

Dessa forma, partilhamos a idéia de Souza-Lobo quando diz que não é o capital que cria a subordinação das mulheres empregadas. As raízes da divisão sexual do trabalho devem ser encontradas bem antes, na família e, possivelmente, na escola. Isto não significa, todavia, que se isente o capitalismo ou as relações de trabalho de serem fontes de opressão tampouco que nada possa ser feito para alterar as relações de submissão presentes no ambiente fabril. É preciso ver além da fábrica para que se possam verificar as condições em que mulheres e homens se relacionam.

Nesse sentido, nosso trabalho se situa no meio do caminho – na escola. Grosso modo, é a instituição que intermedeia a fase da infância e a fase adulta. Assim, para nós, escolhermos o Instituto Federal de Sergipe como universo de pesquisa foi fundamental haja vista tratar-se de uma instituição profissionalizante. Ou seja, as relações de trabalho já são experimentadas no ambiente escolar, nos laboratórios, nas visitas técnicas ou, mais apropriadamente, nos estágios, conseqüentemente, muitas relações conflituosas vivenciadas em termos de gênero já podem ser percebidas.

O problema não está na divisão dos trabalhos, mas como esta divisão é simbolizada por homens e mulheres. Se considerarmos os afazeres domésticos, a rigor não é nenhum massacre. O problema está em como as meninas e os meninos simbolizam tais afazeres. O que tais afazeres significam na família e na sociedade.

Ora, certamente o poder não está dividido entre os sexos: homens detêm o poder e mulheres, não. Ou homens oprimem e mulheres resistem. Existe uma correlação de forças implicadas no jogo engendrado pelas relações que homens e mulheres mantêm. Não está também o poder do lado do chefe e a ausência de poder do lado dos que não são chefes: “O poder vem de baixo; isto é, não há, no princípio das relações de poder, e como matriz geral, uma oposição binária e global entre os dominadores e os dominados” (FOUCAULT, 2003, p. 90).

Conforme Cruz,

as imagens (em torno das mulheres) são associadas ao seu papel reprodutivo (o âmbito privado e o doméstico), superpõem-se à imagem da mulher trabalhadora (definida no âmbito das relações de trabalho, do mercado de trabalho e do processo de trabalho). Essa imagem básica originária (da mulher-família, mãe, dona-de-casa), vai estar sempre na base – e projetando sua sombra sobre a outra (da mulher trabalhadora). É sempre vista como na esfera pública e, em especial, no trabalho industrial, que continua a ser considerado como basicamente masculino ou como um “território de homens (2005, p. 197)

Para nós, as imagens da mulher mãe ou dona-de-casa são imagens de uma mulher trabalhadora. Só que no ambiente fabril é preciso mais do que uma mulher trabalhadora é preciso uma mulher com conhecimentos específicos, tecnológicos. E esta imagem – mulher com conhecimentos tecnológicos – que precisa sobressair-se ao se desejar entrar em um “território de homens”. Por isso, “a educação é um meio fim, necessário para equalizar as condições de vida e as relações entre homens e mulheres” (CRUZ, 2005, p. 22-23).

3 MULHERES E SUA RELAÇÃO COM A ESCOLA

As escolas podem reproduzir as discriminações de gênero. Vários trabalhos dão conta de que nos primeiros anos escolares existe uma divisão no brincar, nas tarefas escolares ou lúdico-pedagógicas. O que acaba, possivelmente, por espelhar caminhos masculinos e femininos:

Diferenças entre homens e mulheres podem ser reforçadas através dos livros didáticos que apresentam preconceitos e estereótipos masculinos e femininos; da forma como se lida com os meninos e as meninas: divisão das tarefas entre eles, expectativas de comportamentos diferenciados, divisão por filas, atividades distintas em aulas de Educação Física ou por opções masculinas diferentes das femininas no que se refere a cursos profissionalizantes. (STANCKI, 2000, p. 07)

Outro fator é que por meio da escolaridade também se pode perceber uma disparidade de escolhas profissionais entre mulheres e homens (LOMBARDI, 2005; FAULKNER, 2007). De um lado, os homens escolhem ocupações mais dinâmicas, mais tecnológicas, escolhem menos as licenciaturas. Dentro da licenciatura, escolhem menos as da área de humanas. Do outro lado, as mulheres estão majoritariamente nas áreas da educação, principalmente, na educação infantil, e na área da saúde, principalmente na enfermagem e na pediatria, enfim, na área de cuidados e de serviços de modo geral.

É fato que há um consenso que maior escolaridade proporciona maiores condições de acesso ao mundo do trabalho a homens e a mulheres, é também consensual que as carreiras estudantis revelam uma segregação, isto é, os processos de formação profissional revelam que meninas escolhem diferentemente de meninos. Mesmo porque na hora de se matricular em uma escola, escolherem um curso:

a própria família coloca restrições quanto à formação para o trabalho da mulher relacionado ao exercício de ocupações técnicas na produção, criando valores quanto à divisão sexual do trabalho, à separação das distintas esferas (esferas pública/privada/produtiva/reprodutiva), forjando os estereótipos sobre os distintos papéis de homens e mulheres e as oportunidades existentes no sistema econômico (CRUZ, 2005, p. 348)

Em um trabalho da professora Stancki (2000), pode-se observar; que a entrada de meninas em cursos ofertados pelos Institutos Federais ainda é consideravelmente menor que a dos meninos. O que acentua, segundo ela, um reforço na divisão sexual do trabalho. Aqui no Instituto Federal de Sergipe não se foge à regra, mas diferentemente do seu olhar acreditamos que ao invés de reforçar pode ser que esteja ocorrendo o contrário: o fator de já haver moças, pensamos ser um sinal de alteração dessas regras sociais. Vejamos:

Nos institutos, os cursos são ofertados a jovens de todas as classes sociais, etnias e sexo. No início de sua fundação – a Escola de Aprendizes de Artífices –, de fato, destinava-se prioritariamente à classe social desprivilegiada. Durante muitos anos foi assim. A entrada nos cursos só era permitida aos meninos. Na década de 40, meninas entraram na escola cursavam “Corte e Costura e o de Chapéus, Flores e Ornatos” (PATRÍCIO, 2003). Depois na década de 70, as meninas começam de novo a entrar na escola dessa vez começam a cursar estradas. Souza-Lobo (1991) afirma que, entre as décadas de 70 e 80, a participação feminina na força de trabalho fabril marcou-se por uma dupla mudança:

- a) Aumento global da porcentagem de operárias;
- b) Modificação na distribuição das mulheres pelos diversos ramos industriais.

Registra-se “um progresso dos ramos que empregavam mulheres, como o de material elétrico, eletrônico e farmacêutico” (1991, p. 64). Isto, certamente, proporcionou a procura das mulheres por cursos técnicos.

É bem verdade que não é todo ramo industrial que vai ser favorável a entrada de mulheres. Segundo Cruz:

habilidade manual aparece como um dos fatores favoráveis à absorção da mão-de-obra feminina em trabalhos que exigem delicadeza, destreza e que são os mais monótonos e repetitivos e, ainda, “serviços próprios de mulheres”. As mulheres são predominantes em indústrias têxteis, alimentícias, eletrônicas ou em pequenas metalúrgicas (2005, p. 104).

Outros setores limitam o acesso delas: “No nordeste brasileiro, ao examinar as razões da predominância dos postos ocupados por homens na indústria moderna, recolheram a evidência de que na petroquímica, o acesso é mais difícil para mulheres do que para homens, e se torna quase proibitivo quando se trata de mulheres negras” (CRUZ, 2005, p. 76).

Nos Institutos, hoje, elas não só permanecem entrando, como cada vez mais cresce o número delas nos cursos anteriormente reduto dos homens – mecânica, eletrotécnica, eletrônica. Isto me parece um avanço, ainda que seja estatisticamente um número pequeno em relação ao dos homens. Sim, somente a educação tecnológica poderá proporcionar às mulheres e aos homens ferramentas, competência para assumirem postos na fábrica. Evidentemente, muitas mulheres mesmo munidas de todo aparato educacional enfrentarão dificuldades. E os homens não terão? Certamente que sim. Por isso, mais do que ver as dificuldades que elas enfrentam, interessa-nos evocar neste trabalho o fato que as mulheres começam a desejar carreiras tradicionalmente compreendidas pela sociedade como masculinas cientes das dificuldades (possivelmente), ultrapassando-as inclusive. Certamente ocupar tais carreiras é um processo de mão dupla: as carreiras vão ganhando contornos femininos e as mulheres podem estar apreendendo contornos masculinos.

Mas, o que são mesmo carreiras compreendidas como masculinas ou como femininas?

As razões biológicas existem, mas não são elas que definem nem explicam completamente a masculinização ou feminização das carreiras acadêmico-profissionais. De fato, as mulheres são bastante absorvidas nas atividades domésticas em virtude de seu papel de mãe. A gestação, o parir e o pós-parto exigem, obviamente, dedicação ao lar, ao filho.

Outra explicação é a relação que eles e elas estabelecem com o saber. Conforme MOSCONI (1994) muitos saberes científicos e tecnológicos foram construídos por homens e por conta disso, as mulheres não tiveram ou tiveram muito pouco acesso a saberes produzidos por sujeitos do sexo feminino. Os saberes produzidos por homens, embora fossem respaldados por um discurso de neutralidade, estão repletos de informações que

depreciam as mulheres. E tão gritante quanto isto, esses saberes pouco lhes permitiram pensar, refletir sobre si, sobre sua posição social, sobre questões de seu interesse.

A formação escolar, evidentemente, repleta de preconceitos de gênero contribui para construir a imagem de cursos distintos para meninas e para meninos. Se não foi uma idéia criada pela escola, ao menos foi sedimentada por ela, ao que parece. Mulheres e homens realizam trajetórias educativas e distintas, com saídas profissionais diferentes: “O lugar social que as mulheres e os homens têm ocupado na academia e no mundo profissional por meio dos estudos superiores e profissões, os territórios ‘corretos’ que umas e outros têm habitado e as situações que condicionam suas ‘escolhas’ adquirem assim uma relevância particular” (VALLEJOS et al, 2000, p. 436).

Ou como assegura Souza-Lobo, a sexualidade das funções passa por:

um complexo mecanismo cultural que define “cursos de mulher”, “cursos de homem”, mas muito mais do que isso, por relações hierárquicas e de qualidade distintas entre os sexos, representações de responsabilidade e de adequação, que por sua vez remetem a relações de poder fundadas no saber técnico, próprio ao trabalho industrial. (1991, p. 58)

Conforme já vimos, após a década de 70, é percebida a participação feminina na indústria brasileira. Também nessa década, há uma significativa entrada de mulheres nas universidades e nos Institutos Federais. Por exemplo, no IFS o número de alunas é bastante significativo. Há áreas que estão presentes na grade do Instituto desde a década de 70, construções prediais, Eletrotécnica, Química, e os mais novos que se começam a se fazer presentes na primeira década do século XXI, Desenvolvimento de Sistemas, Turismo, Alimentos. As alunas estão em todas as áreas tanto nas mais antigas quanto nas mais recentes.

4 INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE

A fim de conhecer as relações de gênero e de poder que sustentam a realidade de ensino do IFS, apresentaremos, agora, uma parte da realidade, o Instituto. É apenas uma parte inicial, em que se mostram dados de matrícula, contudo, é o pontapé para adentrarmos no campo empírico de nossa pesquisa. Assim, mostraremos o perfil acadêmico.

O Instituto Federal de Sergipe oferta cursos na modalidade técnico nível médio (Integrado, Integrado EJA e Subsequente) e superior (Tecnólogo, Licenciatura e Engenharia). Os cursos subsequentes são ofertados para aqueles que já concluíram o ensino médio ou equivalente. Então, nessa modalidade a instituição recebe alunos(as) que concluíram o médio em diversas escolas quer públicas quer privadas, daí a diversidade de classe social, etnia ser notável.

Tabela 1 - Estrutura do Curso: Subsequente

Coordenadoria	Masc.	Fem.
COINF – Coordenadoria de Informática	163	47
COQUI – Coordenadoria de Química (Alimentos)	21	100
COQUI - Coordenadoria de Química (Química)	60	96
COELT – Coordenadoria de Eletrotécnica	209	26
COCC – Coordenadoria de Construção Civil	152	107
CHL – Coordenadoria de Hospitalidade de Lazer	39	165
COELN – Coordenadoria de Eletrônica	136	13
COSSET – Coordenadoria de Saúde e Segurança no Trabalho	110	144

Fonte: elaborada a partir do relatório de Gestão 2009

Observa-se que a presença de mulheres em detrimento ao número de homens é mais forte nas coordenações de Eletrotécnica, Eletrônica e de Informática.

Quanto aos cursos, é percebido (tabela 2) que os cursos de Química de Alimentos, Análise de Processos Químicos, Segurança de Trabalho e Agenciamento e Guiamento são os que possuem maior número de mulheres como alunas.

Se tomarmos como exemplo o curso de Segurança de Trabalho, veremos o seguinte: o perfil do profissional exige que ele seja capaz de:

E um técnico com capacidade para gerir negócios relacionados com **saúde, prevenção e proteção** do trabalhador e das empresas, **observando** riscos, **analisando** situações, **teorizando** soluções, **sintetizando** ações, **aplicando** e **coletando** dados que permitam verificar e corrigir os rumos dos processos laborais, sendo apto a agir com eficácia profissional, bem como pensar sistêmica e estrategicamente, fazer abstrações, criar e inovar, aprender a aprender, tomar decisões, planejar, organizar e controlar processos, identificar riscos potenciais, cargas física e psíquica como fator de perdas na execução das tarefas (...), planejar e executar programas e projetos de análise de riscos, criar medidas para antecipação dos riscos, visando garantir a integridade física do trabalhador... (Manual do técnico em Segurança de Trabalho, IFS, grifo nosso)¹

Será que as alunas do IFS escolheram o curso de Segurança de Trabalho por que ele se associa às idéias de proteção, zelo e rotina? A socióloga Hirata (2003, p. 151) diz que “A complexidade que caracteriza o trabalho hoje está mais dividida e alocada aos homens, em termos de trabalho de equipe. As mulheres estão mais alocadas em linhas de montagem, em trabalho com cadência e repetitivos”. Em segurança de trabalho, ações de cuidar, planejar, organizar e controlar processos fazem parte de seu dia-a-dia.

Ora, diversas pesquisas mostram a inexpressiva presença das mulheres nas carreiras ditas masculinas, a saber, eletrotécnica, eletrônica, (LOMBARDI, 2005; CARVALHO, 2003; FALKNER, 2007). Ademais, enumeram diversas dificuldades para cursarem, para se estabelecerem no mercado. Muitas dessas pesquisas inclusive relatam o preconceito de que são vítimas as mulheres durante o curso ou durante a atuação no emprego.

Tabela 2 – Matrícula IFS/2009, Cursos Técnicos Subseqüentes

Curso	Masc.	Fem.
Agenciamento e Guiamento	12	50
Alimentos	09	54
Análise e Processos Químicos	27	63
Construções Prediais	77	43
Desenvolvimento de Sistemas	117	30
Edificações	75	64
Eletrônica	136	13
Eletrotécnica	209	26
Guia de Turismo	19	61
Informática	46	17
Química	33	33
Química de Alimentos	12	46
Segurança do Trabalho	110	144
Serviços Hoteleiros	03	26
Hospedagem	05	28

¹ O referido manual é entregue ao aluno(a) no início do ano letivo pelo IFS.

A partir de 2009, a oferta de cursos subsequentes respeitou o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos, sendo ofertados os cursos Técnicos em Informática, Alimentos, Hospedagem, Edificações, Guia de Turismo e Química. O ingresso dos(as) alunos(as) no técnico subsequente é via concurso público realizado semestralmente. E a duração do curso é de dois anos e se o aluno reprovar duas vezes consecutivas em uma (ou mais) disciplina ele automaticamente é desligado do curso. Normalmente, a razão da escolha do curso técnico se deve ao fato de por meio dele se proporcionarem maiores chances de colocação no mercado de trabalho.

Os dados que ora possuímos nos mostram, de um lado, que cursos como Desenvolvimento de Sistemas, Eletrônica e Eletrotécnica, considerados tradicionalmente como carreiras masculinas, continuam fortemente marcados pelos homens. Entretanto, um olhar mais aguçado nos permite perceber, de outro lado, que as mulheres persistem. Em pequeno número, mas se fazem presentes constantemente em tais cursos.

O perfil do técnico em Eletrônica menciona executar, controlar, coordenar, avaliar, ao passo que em Segurança do trabalho o perfil do técnico está direcionado a cuidar de pessoas. Em Eletrônica, embora o destino final seja beneficiar as pessoas, as funções se ligam a máquinas, a subsidiar programas.

Deverá possuir formação educacional humanista e tecnológica que desenvolva valores éticos; **conhecimentos científicos e técnicos; capacidade de abstração, visão espacial, criatividade e habilidade motora**; formação de consciência crítica dos aspectos humanísticos, sociais e profissionais; capacidade de reflexão e pensamentos autônomos; capacidade de expressão escrita e oral. Assim, almeja-se um processo de formação profissional que permita ao Técnico em Eletrônica **planejar, organizar, coordenar, executar, controlar e avaliar** planos e programas de manutenção e instalação de sistemas, equipamentos e instrumentos; atividades de pesquisa e desenvolvimento; atividades relacionadas à documentação técnica; planos orçamentários de projetos; atividades relacionadas ao controle de qualidade industrial; emissão de pareceres técnicos; treinamento de pessoal (Manual do técnico em Segurança de Trabalho, IFS, grifo nosso).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A professora Carvalho (2003) afirma que Ciência e Tecnologia foram, por muito tempo, compreendidas como atividades masculinas, mantendo, assim, uma quase total invisibilidade das mulheres neste domínio. A estudiosa Cruz (2000) afirma que a “tecnologia é uma fonte de poder. Nela os homens se instalam para exercer e garantir o seu poder em outras áreas” (p. 9). A pesquisadora Hirata diz as mulheres são vistas como usuárias destas tecnologias e estão praticamente excluídas da sua concepção. Os engenheiros, sujeitos das inovações técnicas, são maciçamente do sexo masculino” (2003, p. 151).

Em contrapartida, é inegável a presença das mulheres nessas áreas. Primeiro, elas estão nos cursos, nos espaços acadêmicos e tecnológicos. Posteriormente, estão nas empresas. Os tempos são outros, são outros também os desejos. Onde se situa o desejo feminino face às relações acadêmicas e tecnológicas? Como sugere Strathern (2006), as posições adotadas por homens e mulheres são transitórias. O que nos leva a entender que as carreiras ditas masculinas e femininas podem estar com os dias contados. Não ocorrerá necessariamente uma feminização das carreiras, mas um intercâmbio entre as posições.

O discurso outrora de conformidade atribuído, por exemplo, as mulheres, hoje é questionado não porque questionar seja um atributo masculino mas porque questionar começa a fazer parte da prática feminina. Reconhecer isto pode não ser tudo, porém é um passo na percepção de que novos costumes serão apropriados pela cultura, pela linguagem e assim pela discursividade de mulheres e homens. O discurso do mundo acadêmico e profissional dividido entre carreiras masculinas e femininas começa, certamente, a ruir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Marília Gomes de. Relações de Gênero e tecnologia: uma abordagem teórica. In: Carvalho, Marília G. de (org). **Relações de gênero e Tecnologia**. Coletânea Educação e tecnologia”: Publicação do programa de pós-graduação em tecnologia – PPGTE/CEFET-PR, 2003.

CRUZ, Maria Helena Santana. **Novas Tecnologias e Impactos sobre a Mulher**. Mesa-Redonda do X Encontro REDOR - Rede Feminista Norte Nordeste sobre a Mulher e Relações de Gênero. UFBA, Salvador. Outubro, 2000.

CRUZ, Maria Helena Santana. **Trabalho, Gênero, Cidadania: Tradição e Modernidade**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

FAULKNER, Wendy. Tornar-se e pertencer: processo de generificação na engenharia. In **Cadernos de Gênero e Tecnologia**/Getec/PPGTE/UTFPR, número 10, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 15ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

FOUCAULT, Michel. **O Sujeito e o Poder**. Tradução parcial do texto: Michel Foucault, "Deux essais sur le sujet et le pouvoir", in Hubert Freyfus e Paul Rabinow, *Michel Foucault. Un parcours philosophique*, Paris, Gallimard, 1984, pp. 297-321. Acesso no site <http://jornalista.tripod.com/teoriapolitica/3.htm> no dia 10 de julho de 2008.

HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade**. Tradução de Wanda Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2002.

HIRATA, Helena . O Universo do Trabalho e da Cidadania das Mulheres - um olhar do feminismo e do sindicalismo. IN: Ana Alice Costa et al (Orgs), **Reconfiguração das relações de gênero no trabalho**. São Paulo: CUT Brasil, 2004.

LOMBARDI, Maria Rosa. **Perseverança e Resistência: A Engenharia como Profissão Feminina**. Tese de Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNICAMP, 2005.

MOSCONI, N. **Femmes et savoir**. Paris: L'Harmattan, 1994.

PATRÍCIO, Solange. **Educando para o trabalho: A escola de aprendizes Artífices em Sergipe (1911 – 1930)**. Cópia da dissertação de mestrado defendida na UFS/NPGED em 2003.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A Classe Operária Tem Dois Sexos: Trabalho, Dominação e Resistência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

STANCKI, Nanci. **Gênero e Trabalho Feminino: estudo sobre as representações de alunos(as) dos cursos técnicos de Desenho Industrial e Mecânica do CEFET-PR**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia do CEFET-PR. Curitiba, 2000. 218 p.

STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia**. Tradução de André Villalobos. Campinas, SP: UNICAMP, 2006, p.531.

VALLEJOS, Adriana; YANNOULAS, Silvia; LENARDUZZI, Zulma. **LINEAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS**. En publicacion: La Gobernabilidad en América Latina: balance reciente y tendencias a futuro. Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/flacso/linea.pdf>>. Acesso em 15 de agosto 2008.